

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Anotações sobre estranhezas e estranhamentos na formação do *professor-artista*

Profa. Ma. Kátia Salib Deffaci – UERGS

Resumo: Como docente em uma licenciatura em Dança, certos conceitos e palavras surgem com insistência. Alguns termos foram profundamente vividos na minha formação e atuação, como fios conectados em uma firme tessitura, a tal ponto de causar estranheza quando são fragmentados em outros sentidos ou contextos. Em forma de anotações, descrevo o que carrego tecido e costurado no meu corpo que dança, e as referências desses fios e suas tramas. Os estranhamentos, por sua vez, são as anotações no movimento inverso: de dentro para fora, os estranhamentos que eu proponho no fazer parte da formação de licenciadas e licenciados em Dança, ao ser professora artista de professoras e professores artistas.

Palavras-chave: professor-artista; cópia-repetição; dança na escola

estranheza
es·tra·nhe·za sf
1 Qualidade de estranho
2 Pasmo, surpresa, espanto

estranhamento
es·tra·nha·men.to sm
1 Ato de estranhar(-se)
2 Distanciamento

(FERREIRA, 1999)

Anotações sobre *Professor-artista*[1]

Desde o início da minha atuação como professora assistente na Graduação em Dança da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul[2], deparo-me com as lições de escuta que a arte/docência me ensinam (as quais aprendo devagar, apesar dos esforços contantes...). Entre falas aqui e acolá, por vezes escuto concepções sobre o conceito de *professor-artista* que me causam surpresa: não consigo relacionar o que escuto com o conceito que carrego. Outro termo que insiste em Dessas estranhezas e estranhamentos surgem as anotações que seguem.

[1] Fazendo a ressalva por uma escrita inclusiva de gênero, utilizo em *itálico* a forma tradicionalmente usada sem flexão de gênero, indicando o conceito, e fora de aspas as formas flexionadas quando aplicadas a pessoa.
[2] Em 2013.

Anotação 1

Meu primeiro contato com essa justaposição de palavras ocorreu ao tornar-me graduanda em Dança na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP[3]. Desde sua abertura em 1985, o curso preocupou-se que artistas integrassem o quadro docente, inicialmente com artistas convidados até que em 1993 foi criada para isso uma carreira especial na Universidade, a de Magistério Artístico (Arruda, 2012). Entre o projeto pedagógico em vigência nos meus anos de formação inicial, passando pelas necessárias atualizações até a versão atual, a persistência de fazer acompanhar a palavra “artista” da palavra “professor” ou “docente” é notável e constante, indicando um proposital e planejado valor de formação (UNICAMP, 2018). Assim, minha primeira lição da pertinência da Dança como área do conhecimento ser intrínseca ao fazer Dança deu-se na práxis com as professoras artistas Ângela Nolf, Carol Melchert, Daniela Calicchio, Daniela Gatti, Eveline Borges, Graziela Rodrigues, Holly Cravell, Inaicyra Falcão dos Santos, Joana Lopes, Júlia Ziviani, Lara Rodrigues Machado, Márcia Strazzacappa e professor Eusébio Lobo. Escrever todos os nomes é de vital importância para nomear e mapear os registros que carrego no corpo, é aceitar e reconhecer a práxis da Dança em seu tempo vivido e partilhado pela docência artista de quem é artista docente. Se no texto escrito, as autoras e autores constam nas referências, como atribuição de sua autoria, faço constar nesse texto minhas mestras e mestre (Strazzacappa, 2006) dentro de uma graduação em Dança, também como forma de atribuição de suas autorias na formação do tecido que sou.

Anotação 2

No partilhar da vivência da Dança, por diversas vezes acompanhei a pesquisa em arte que inevitavelmente transbordava da(o) artista docente da dança para escorrer na sala de aula, encadeando nesse fluxo a própria relação artisticopedagógica. Era inegável que a dança existia enquanto dança - e que existia em aula! - porque existia como arte: quando fazíamos arte eu era artista. E justamente porque era arte,

[3] Ingresso no ano de 2000.

porque era dança, aquilo que transbordava do meu corpo também tocava a relação artisticopedagogica, tensionando os fios e criando tramas que reverberavam de volta na pesquisa em dança da(o) docente artista. Esse enredar de retroalimentações podia ser percebido em processos de criação com alunas(os) e em pesquisas, no que posso citar como exemplo o Trabalho de Graduação Integrado (equivalente a Trabalho de Conclusão de Curso) de minha turma, chamado Entrelaços – não à toa – com direção de Lara Rodrigues Machado (2017).

Anotação 3

Durante as experiências vividas nos Estágios e após formada, na atuação como professora concursada no Ensino Fundamental na rede municipal de Caxias do Sul[4], uma certeza acompanhava-me: eu era professora porque era artista, mas também era artista porque era professora. O transbordamento em sala de aula daquilo que realizava como artista, assim como tantos outros fios que vinham da sala de aula, cheios dos olhos e dar de ombros e movimentos inquietos das crianças e adolescentes de quem eu era a “profe”, formavam a rede que me formava: não era mais possível deixar de ser professora quando era artista, assim como não havia a possibilidade de deixar de ser artista para ser professora.

Anotação 4

No termo *professor-artista*, descobri que o hífen era o que mais me definia (e define): eu sou inseparavelmente-artista-professora-tecida-de-fios. Entre ir e vir, não era (e não sou) um acumulado de funções, ou a intersecção de dois conjuntos, mas sim um conjunto novo, pertinente às relações que são criadas em arte, em dança, com as crianças e adolescentes na Educação Básica. Nas palavras de Icle (p. 17-8, 2012):

> O *professor-artista* não seria uma soma de professor mais artista. Ele seria 100% artista e 100% professor. Não se trata de uma volta à tradição de se aprender arte com um artista. Mas longe de assumir o papel distanciado de quem acompanha o trabalho de seus alunos, ele próprio, deveria produzir,

[4] Entre os anos de 2006 a 2013.

> criar no espaço da escola o seu espaço de criação, desenvolver o seu processo poético e fazer participar os estudantes dessa escola.

Anotação 5

Na Graduação em Dança: Licenciatura/Uergs, o ainda vigente[5] Projeto Pedagógico de Curso (UERGS, 2006) afirma a formação do *professor-artista* como objetivo em diversas passagens. O texto segue na herança do projeto pedagógico original chamado "Pedagogia da Arte" (FUNDARTE/UERGS, 2002)[6]. Para minha atuação como docente artista, isso significa encontrar, em um novo lugar, novas referências com seu próprio processo histórico e social de formulação desse mesmo conceito: são novos fios que reconheço como legado e com os quais me identifico. Isso evidencia que não se trata de uma adoção metodológica – mas sim, descobrir em tantas relações uma mudança de paradigma, aquilo que Icle refere ser a diferença do ensino *sobre* arte para o ensino *em* arte (Icle, p.18, 2012). Parece-me claro que *professor-artista* é um termo que não tem a função de servir de rótulo, nem de categorizar pessoas ou nomear alguma metodologia. Dessa forma, não me é possível reconhecer-me professora artista como algo ultrapassado, ou como um estereótipo. Antes quisera que fosse, antes quisera eu que uma profusão de professores e professoras artistas tivesse esgotado o termo na atuação de tanta aula em arte na escola, ao ponto de já ter sido transformado e suplantado por outra ideia. Contudo, não é nossa realidade. A presença da Arte na escola ainda se faz de luta, como demonstram as recentes discussões acerca da redação ainda não aprovada da Base Nacional Curricular Comum para o Ensino Médio, que tenta retirar a Arte como área do conhecimento.

Anotação 6

Na formação do *professor-artista,* há diversos outros termos que atravessam as discussões da Dança na escola e produz seus estranhamentos, que reverberam por

[5] De 2006. Atualmente o curso encontra-se em reforma curricular.
[6] Por necessidade de regulamentação o Curso Pedagogia da Arte foi desmembrado em quatro graduações, um movimento criticamente vivido pelo corpo docente da época, que se manifestou através de Carta Aberta (2005).

entre as diversas anotações desse texto. Mas destaco um em especial: cópia-repetição. Por algumas vezes, na escuta que menciono ao abrir essas anotações, cópia-repetição é usado como sinônimo de aprendizagem por observação, ou de aprendizagem por imitação. Na formação que carrego, nos pertencimentos construídos a uma rede de artistas, autores e autoras da Dança que utilizam o termo cópia-repetição, não parece que essa associação seja pertinente. No contexto artísticopedagógico que habito, cópia-repetição foi um termo cunhado para descrever metodologias de ensino da Dança intrinsecamente conectadas a uma visão mecanicista (Woodruf, 1999), que baseadas na dicotomia corpo-mente desconectam a aluna e o aluno da totalidade que é a Dança. Assim, o modelo de cópia-repetição não propicia a participação no processo de criação: não faz parte da aula criar a coreografia, desenvolver um figurino, refletir sobre a cena, improvisar, experimentar e explorar o corpo. Fica bastante evidente que esse termo tece uma importante crítica, que se perde quando se confunde o termo com aprendizagem por observação, ou aprendizagem por imitação; já que esse tipo de aprendizagem é intrínseca à situação de aprendizagem em si (Bandura, 2008).

Referências

BANDURA, Albert. *Teoria social cognitiva*: conceitos básicos. Coautoria de Roberta Gurgel Azzi, Soely Aparecida Jorge Polydoro. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.

CARTA Aberta à Comunidade Universitária da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Montenegro, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FUNDARTE/UERGS. Fundação Municipal de Artes de Montenegro/Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. *Plano de Curso Pedagogia da Arte*. Montenegro, 2002.

MACHADO, Lara Rodrigues. *Danças no Jogo da Construção Poética* / Lara Rodrigues Machado; Organizadora Sara Maria de Andrade – Natal: Jovens Escribas, 2017.

STRAZZACAPPA, Márcia. *Mestre-discípulo:* a formação do artista e do professor de arte no Brasil. In: STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 29-37.

UERGS. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Projeto Pedagógico de Curso da Graduação em Dança: Licenciatura. Montenegro, 2006.

UNICAMP. Instituto de Artes. Projeto Pedagógico do Curso de Dança. Disponível em:<http://www.ccg.unicamp.br/files/cpfp/projetospedag/PPP_Curso_23_Danca.pdf> . Acesso em: 15 set. 2018.

WOODRUFF, Dianne. “Treinamentos na dança: Visões mecanicistas e holísticas”. Cadernos do GIPE-CIT**,** Estudos do Corpo, Salvador, n.2, p.31-9, FEV. 1999.